

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 4

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-30-6

DOI 10.22533/at.ed.306201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE NA ESCOLA: O MUNICÍPIO DE ITAPETINGA - BA EM DISCUSSÃO	
Murilo Marques Scaldaferrri Jamine Barros Oliveira Araújo Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.3062013021	
CAPÍTULO 2	9
POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO ESTADO DO AMAZONAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE REGIONAL	
Izoni de Souza Trindade Rosimeri da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.3062013022	
CAPÍTULO 3	20
PRÁTICA EDUCATIVA NO AEE: ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Thalia Costa Medeiros Najra Danny Pereira Lima Mayanny da Silva Lima Gilma Sannyelle Silva Rocha Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva Maria Camila da Silva Mychelle Maria Santos de Oliveira Telma de Jesus Lima Sá Nascimento Mariangela Santana Guimarães Santos Maria Helena Rodrigues Bezerra Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha Ana Paula Carvalho de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.3062013023	
CAPÍTULO 4	34
PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	
Heronita Maria Dantas de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.3062013024	
CAPÍTULO 5	45
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Cleres Carvalho do Nascimento Silva Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3062013025	

CAPÍTULO 6	54
PROCESSOS DE LEITURA E ESCRITA: MOVIMENTOS DE INVENÇÃO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO E PESQUISAS OUTRAS	
Ana Cláudia Barin Angélica Neuscharank Vivien Kelling Cardonetti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013026	
CAPÍTULO 7	69
PROFESSORA OU TIA? IMPRESSÕES DE PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BLUMENAU/SC	
Jessica Rautenberg Júlia Graciela de Souza Antonio José Müller	
DOI 10.22533/at.ed.3062013027	
CAPÍTULO 8	75
PROJETO PEDAGÓGICO CULTURAL: O CARÁTER <i>SUI GENERIS</i> DE UMA ESCOLA RESIDÊNCIA INOVADORA	
Mateus Geraldo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.3062013028	
CAPÍTULO 9	95
A PROPOSTA DE REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PRISMA DOS ESTÁGIOS MORAIS DE LAWRENCE KOHLBERG	
Vágner Silva da Cunha Silvana Maria Gritti	
DOI 10.22533/at.ed.3062013029	
CAPÍTULO 10	105
RECONHECENDO AS DIFERENÇAS E CRIANDO POSSIBILIDADES: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Maria Rosilene de Sena Rosélia Neres de Sena Marques Italo Rômulo Costa Da Silva Arianne Siqueira Marques Melo Tatielli Costa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30620130210	
CAPÍTULO 11	113
RECURSOS, ANALOGIAS E ALTERNATIVAS PARA O ENSINO DO ÁTOMO QUÂNTICO NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENCORAJAMENTO	
Danilo Cardozo Flôres Kamilla Rodrigues Rogerio	
DOI 10.22533/at.ed.30620130211	
CAPÍTULO 12	129
REDES E MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE USO POR DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR	
Wilsa Maria Ramos	

Ravena Nóbrega Bufolo
Maria Julia Bueno Spohr
Lisa Ferreira de Miranda
Lucas Santos Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130212

CAPÍTULO 13 143

REFLEXÕES NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ANDREIA INES DILLENBURG
Aruna Noal Correa
Felipe Pedrozo Maia
Gabriel Marchesan
Mauricio Pase Quatrin
Vanderlan Dupont de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.30620130213

CAPÍTULO 14 158

**REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Mariana Lucas Mendes
Regiane Aparecida da Silva
Cristiane Maria Ribeiro
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.30620130214

CAPÍTULO 15 167

**REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA PARA POTENCIALIZAR AS
AÇÕES DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Tereza Cristina Mendes Vieira
Grace Fernanda S Nunes

DOI 10.22533/at.ed.30620130215

CAPÍTULO 16 178

**RELAÇÕES ENTRE CURRÍCULO E CULTURA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR
DOS VALORES**

Bianca Silva Martins
Denize Amorim Azevedo Mendes
Josely Ferreira Ribeiro
Vanessa Serafim da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30620130216

CAPÍTULO 17 187

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: BREVE INCURSÃO SOBRE A LEI Nº 10.639/2003 E
SEUS DESDOBRAMENTOS NOS DISCURSOS DE DOCUMENTOS OFICIAIS**

Taylon Silva Chaves
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30620130217

CAPÍTULO 18	194
EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Heitor Messias Reimão de Melo Fernando Sabchuk Moreira Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Marilurdes Cruz Borges Melissa Camilo Monica Soares Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.30620130218	
CAPÍTULO 19	216
REVISITANDO A POSSIBILIDADE DE ADOÇÃO POR CASAIS HOMOSSEXUAIS: ASPECTOS CONSTITUCIONAIS E CIVIS DA PATERNIDADE HOMOPARENTAL	
Jacson Gross	
DOI 10.22533/at.ed.30620130219	
CAPÍTULO 20	226
SALA VERDE: ESPAÇO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Iomar Maria Salina da Costa Leonardo Villela de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130220	
CAPÍTULO 21	239
SER JOVEM E VIVER A JUVENTUDE NO CAMPO: DIÁLOGOS INSURGENTES	
Delson Miranda Santos Jurandir de Almeida Araújo Deyse Luciano de Jesus Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130221	
CAPÍTULO 22	253
SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE FÍSICA	
Cristiane Gomes Guimarães Suellen Cristina Moraes Marques Renan Júnio Miranda Gislayne Elisana Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.30620130222	
CAPÍTULO 23	263
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA	
Eder Alonso Castro	
DOI 10.22533/at.ed.30620130223	

CAPÍTULO 24	273
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS NA MODALIDADE A DISTÂNCIA	
Carlos Erick Brito de Sousa Dionísia Fernanda Paixão Santos	
DOI 10.22533/at.ed.30620130224	
CAPÍTULO 25	286
UM OLHAR ACERCA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) SOBRE O VIÉS DA EDUCAÇÃO	
Eliana Thomas Lima Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza Lucas Capita Quarto José Fernandes Vilas Netto Tiradentes Fábio Luiz Fully Teixeira Fernanda Castro Manhães	
DOI 10.22533/at.ed.30620130225	
CAPÍTULO 26	293
A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NA ESCOLA: UMA QUESTÃO VOLTADA PARA MELHORIA DA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB	
Maria Helena de Lima Gomes e Martins Luciano de Brito Junior Maria das Graças Veloso Marinho de Almeida Veneziano Guedes de Sousa Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.30620130226	
CAPÍTULO 27	304
UMA VISÃO SOBRE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM CURSOS DE MÚSICA	
Obadias de Oliveira Cunha Helena de Souza Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.30620130227	
CAPÍTULO 28	313
UTILIZAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO SOCIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO PEDAGÓGICO E CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE EM CURSOS TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS DE INFORMÁTICA	
Laurentino Augusto Dantas André Carvalho Baida	
DOI 10.22533/at.ed.30620130228	
CAPÍTULO 29	324
VAMOS APRENDER A LER? DISCUTINDO ALGUNS ASPECTOS DO PROCESSO LINGUÍSTICO QUE ENVOLVE A APRENDIZAGEM DA ESCRITA	
Milena Beatriz Vicente Valentim	
DOI 10.22533/at.ed.30620130229	
SOBRE A ORGANIZADORA	338
ÍNDICE REMISSIVO	339

REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE TUTORIA PARA POTENCIALIZAR AS AÇÕES DE APRENDIZAGEM EM AMBIENTES VIRTUAIS

Data de aceite: 31/01/2020

Tereza Cristina Mendes Vieira

Especialista EAD terezacmv@hotmail.com

Grace Fernanda S Nunes

Unesp, mestre gracefernanda@live.com

RESUMO: Introdução. A educação a distância é uma modalidade de ensino que ainda engatinha e foi instituída no Brasil em 1996 mas somente em 2005, com o Decreto 5.622/2005 do MEC, que autorizou, regulamentou e reconheceu o credenciamento de instituições de ensino para oferta de cursos e programas na modalidade a distância. **Conclusão.** Este estudo pretendeu mostrar que com os atuais padrões de consumo do homem é impossível atingir o tão desejado desenvolvimento sustentável e põem em risco a vida no planeta. Apresenta argumentos que revelam que o crescimento não é nem duradouro, nem sustentável, e precisa ser urgentemente revisto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância, estratégia e ambientes virtuais.

ABSTRACT: Introduction. Distance education is a teaching modality that was still crawling and was instituted in Brazil in 1996, but only in 2005, with Decree 5.622 / 2005 of the MEC, which authorized, regulated and recognized the

accreditation of educational institutions to offer courses and programs in the distance mode. **Conclusion.** This study aimed to show that with the current patterns of human consumption it is impossible to achieve the much desired sustainable development and endanger life on the planet. It presents arguments to show that growth is neither durable nor sustainable and needs to be urgently revised.

KEYWORDS: Distance education, strategy and virtual environments.

1 | INTRODUÇÃO

A educação a distância é uma modalidade de ensino que ainda engatinha. A EAD foi instituída no Brasil, em 1996, como modalidade formal, com a publicação da Lei nº 9.394/1996, que instituiu as diretrizes e bases da educação, portanto, há 18 anos. Contudo, somente em 2005, com o Decreto 5.622/2005 do MEC, que autorizou, regulamentou e reconheceu o credenciamento de instituições de ensino para oferta de cursos e programas na modalidade a distância, foram estabelecidos os fundamentos legais para a consolidação de um sistema nacional de educação a distância a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e com permitiu a consagra-la como Educação a

Distância pública no país . Portanto, passou a ser mais conhecida há nove anos, o que faz com que seja considerada muito jovem, principalmente se comparada com o modelo tradicional, que desde os grandes filósofos como Aristóteles e Platão, deu os seus primeiros passos.

O fato de existir há relativo pouco tempo ainda não permitiu se cristalizar, como é o caso do ensino presencial. Mas esse -porémll deve ser entendido como uma vantagem a favor da criatividade e não como um ponto negativo. O fato indica que é preferível experimentar as novas possibilidades do meio a simplesmente transferir as boas -receitasll para a tela do computador. É consenso entre os pesquisadores que o EAD tem um longo caminho a percorrer. Merece de todos os adores envolvidos muita dedicação e pesquisa.

Segundo Aristóteles, -o homem é por natureza um ser socialll, e, portanto necessita interagir com os seus semelhantes. Na educação a distância se elabora um desenho instrucional baseado em estratégias que buscam viabilizar tal interação. Nesse contexto, é imprescindível o papel do tutor como mediador dessas relações sociais. O tutor é central no processo de ensino-aprendizagem, pois ele é o contato mais próximo do aluno e por isso, acaba representando a imagem percebida e os valores da instituição. Para Moran (2007, p.1), -é fundamental o papel do professor-orientador na criação de laços afetivos. Os cursos que obtêm sucesso, que têm menos evasão, dão muita ênfase ao atendimento do aluno e à criação de vínculosll.

Ressalta-se que há vários modelos de tutorias. Contudo, não há um que atenda em sua totalidade, uma vez que todos possuem pontos positivos e negativos. Esse trabalho justifica- se por buscar a identificação de estratégias que poderão ser utilizadas em diversos cursos, no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, apresentará estratégias para EAD, visando ampliar o conhecimento sobre os sistemas de tutoria, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o tema.

Hoje, a experiência mostra que o tutor atua como mediador encorajando o aluno a adotar uma visão confiante e otimista que produza resultados. Os benefícios ao abordar este tema são relevantes, especialmente, levando-se em consideração que o objetivo principal da análise é a integração social e a diminuição da lacuna existente no relacionamento entre professor tutor e aluno em função do método de ensino. As estratégias a serem tratadas no relatório final buscarão ampliar os conhecimentos a respeito do ato de tutorar.

2 | OBJETIVOS

Investigar as estratégias de atuação da tutoria, ampliando os conhecimentos sobre os sistemas de mediação em educação à distância (EAD). Visa demonstrar a necessidade de substituir o modelo tradicional dessa modalidade de ensino, focado

no predomínio do — produto prontoll, por outro paradigma, centrado na proatividade e na autonomia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação a Distância foi instituída no Brasil, em 1996, com a publicação da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, motivo pela qual ficou popularmente conhecida como LDB - Lei de Diretrizes da Educação. Também em 1996 foi criada a Secretaria da Educação a Distância (SEED) no Ministério da Educação (MEC), por meio do Decreto 1.917/1996. Mesmo antes da publicação da LDB, o poder público já tomava as primeiras iniciativas para a formação, a indução, a execução e no fomento de políticas públicas voltadas à EAD no ensino superior. Em 1994, criou o Sistema Nacional de Educação, por meio do Decreto nº 1.237/1994.

Em 2005, foi editado o Decreto 5.622/2005 do MEC, com o objetivo de autorizar, regulamentar e reconhecer o credenciamento de instituições de ensino para oferta de cursos e programas na modalidade a distância. Com isso, foram estabelecidos os fundamentos legais para a consolidação de um sistema nacional de educação a distância a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Segundo o decreto educação a distância é uma modalidade educacional, na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Como uma modalidade educacional profundamente permeada por Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), os modelos de EAD estão sempre associadas aos avanços da ciência ao longo do tempo. Assim, é possível categorizar a história da EAD em gerações. Segundo Bittencourt (2013), foram identificados, até o momento, cinco gerações: a primeira geração foi a do ensino por correspondência, marcada pelo envio de materiais didáticos impressos pelo correio; a segunda foi caracterizada pela transmissão de aulas via rádio/televisão, veículos de comunicação de massa, além do uso de telefone, da linguagem da informática e do vídeo interativo; a terceira geração foi a centrada nas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), na difusão interativa; a quarta foi a baseada em atividades via internet, a do modelo de aprendizagem flexível; e a quinta geração é a que utiliza as potencialidades da internet e da Web, que traz para a EAD ainda mais flexibilidade e expansão. Começa a surgir uma sexta geração, com base no domínio dos -mundos virtuais e imersivosll, mas apenas de uso exploratório.

Segundo Tori (2010, apud Moran, 2013, p. 39), a palavra distância não é adequada para essa nova modalidade de ensino. Para ele, o termo é -pesado

e nocivoll. Isso porque remete ao período do ensino por correspondência, quando os alunos recebiam o material didático pelo correio. É o motivo pelo qual muitos preferiram empregar a expressão educação on-line e até mesmo a denominação educação sem distância, que começa a ser utilizada.

E o que nos diz a nomenclatura corrente? Primeiramente que <distância> é o que se opõe à <presença>: não é preciso, porém, mais do que um rápido exame para nos convencer de que isto, de fato, não se aplica: longe disto, o que se opõe à presença é a ausência, e o que se opõe à distância é a proximidade. Assim, não somente estes termos não são excludentes, como se faz corriqueiramente supor como, por esta mesma razão, é-se forçado a admitir que, finalmente, eles definem de forma apenas superficial e muito precária aquilo que b u s c a m designar. Mas em que sentido poderiam estas duas noções, <distância> e

<presença>, servir para nomearem duas modalidades cuja distinção pretendemos claramente estabelecer? A resposta é simples: ao contrapor

<presença> e <distância>, aderimos a uma representação das modalidades que toma por única referência os corpos físicos dos sujeitos envolvidos na situação formativa. Desta forma, a educação a distância se define tão somente como uma modalidade que, ao invés de se exigir que os participantes estejam <de corpo presente>, permite que permaneçam

<fisicamente afastados>: no entanto, seria esta distinção suficiente para definir a identidade que pretendemos fornecer à ead? Mais ainda, seriam estas duas noções, presença e distância, adequadas aos objetivos pedagógicos que são os nossos? (VALE, 2013. p.72).

A EAD oferece condições para o indivíduo manter os seus estudos ao longo da vida. Isso porque permite ao estudante estudar com flexibilidade de horário e local, ao propiciar que ele imponha o seu ritmo e acesse de seu local de preferência os espaços virtuais de aprendizagem

É o saber que viaja nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender. (KENSKI, 2003, apud BITENCOURT 2013. p. 92).

Dentre as características da educação a distância que a distinguem estão: a comunicação bidirecional (aquela em que há o diálogo tutor-aluno, diferente do sistema convencional no qual, em sua maioria, o professor fala mais e o aluno ouve); a autoaprendizagem (o aluno deve aprender que grande parte da responsabilidade sobre a aprendizagem está em suas próprias mãos); a pedagogia diferenciada (o estudante encontra um tipo de aprendizagem na qual a informação e o material para estudo se encontram disponíveis na internet); a diversificação cultural (pessoas e lugares); a autonomia; a familiarização com as novas tecnologias; a flexibilidade (Onde estudar? Quando estudar? Em que ritmo?); o apoio de conteúdos digitais adicionais; e a mudança de paradigma, que envolve indivíduos e instituições (para a adoção de novos papéis).

No EAD as ações de ensino são focadas na interação, na troca de conhecimentos e na colaboração grupal. Ao ser fortalecido o diálogo e, também, as trocas de informações, as aprendizagens são garantidas por meio da interação comunicativa, o que possibilita a construção social do conhecimento e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Há uma profunda mudança na postura do professor na educação a distância. O trabalho dele consiste, agora, em criar um ambiente que estimule a participação do aluno. A demanda e o caminho, contudo, vêm do aluno. O tutor observa e o orienta na medida em que acha necessário, e que percebe um desvio na trajetória da sua aprendizagem. Ele possibilita ao aluno o encontro com o seu “estado curioso”. Sua ânsia pelo ato de conhecer e aprender implica em disponibilizar ao aluno diferentes estratégias de estudo. O seu papel didático agora é promover o diálogo entre os alunos e os conhecimentos.

NOVAS PROPOSTAS PARA O EAD

São necessárias novas estratégias de ensino em relação às do ensino tradicional para, de fato, potencializar o valor da educação on-line. Segundo Kenski (2003) apud Bittencourt (2013), a apreensão do conhecimento, nas perspectivas das TICs e em termos metodológicos, requer uma prática docente com base em uma nova lógica. Os professores, por sua vez, também precisam mudar, -compreender esse novo mundo com uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade, uma nova percepçãooll (KENSKI, 2008, p.46, apud BITTENCOURT 2013, p. 92)

Não mais, apenas, a perspectiva estrutural e linear de apresentação e desenvolvimento metodológico do conteúdo a ser ensinado; nem tampouco a exclusiva perspectiva dialética. Outra lógica, baseada na exploração de novos tipos de raciocínios nada excludentes, em que se enfatizem variadas possibilidades de encaminhamento das reflexões, se estimule a possibilidade de outras relações entre áreas do conhecimento aparentemente distintas (KENSKI, 1998, p. 69 apud BITTENCOURT, 2013).

Para Harasin (1995) apud Bittencourt (2013), a educação *on-line* privilegia a aprendizagem ativa. Isso porque a Web tem a capacidade de criar um ambiente de que proporciona ao estudante oportunidades de envolver e pensar. Em um espaço baseado em interações (texto, multimídia), a participação ativa é vital, uma vez que para ser visto como presente é preciso que o aluno poste um comentário. Quando uma ideia é lançada em um fórum da turma, pode-se estabelecer uma interação contínua, conseqüentemente, construir o conhecimento.

Os dados encontrados livremente na internet transformam-se em informações pela óptica, interesse e necessidade com que o usuário os acessa e considera. Para a transformação das informações em conhecimentos, é preciso um trabalho

processual de interação, reflexão, discussão, crítica e ponderações que são mais facilmente conduzidos quando compartilhados com outras pessoas. As trocas com colega, os múltiplos posicionamentos diante das informações disponíveis, os debates e análises críticas auxiliam a compreensão e elaboração cognitiva do indivíduo e do

grupo. As múltiplas interações e trocas comunicativas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que esses conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados. (KENSKI 2009, p. 239- 240, apud BITTENCOURT, 2013, p 128)

Tanto a Educação a Distância como a presencial precisam se libertar-se das ações de ensino fundadas essencialmente na ação do professor. Segundo Villardi e Oliveira (2005), é preciso substituir o modelo tradicional de EAD, marcado pelo predomínio da informação sobre a formação. Deve-se definir um outro paradigma, centrado na ação educativa flexível, aberta e interativa, que permita o aluno percorrer o processo de aprendizagem de forma autônoma, dentro do seu ritmo individual.

Há consenso entre os pesquisadores de que no EAD o controle do aprendizado é realizado mais intensamente pelo estudante do que o professor (MOORE, 1972; KEARSLEY, 1996; e 2007; KEEGAN, 1996; OTTO PETERES, 1967, 1988, 2001, 2009; HOLMBERG, B. 1985, 1986, 1995; GARCIA ARETIO, 2010 apud BITTENCOURT 2013, p. 70).

Para tornar mais fácil a construção de conhecimento é preciso cenários que favoreçam a interação social; modelos que beneficiem a transferência de aprendizagem em novos contextos; a reconceitualização da avaliação educativa; estudantes mais ativos e responsáveis. Para tal, deve-se buscar apoio nas concepções teóricas que deem sustentação científica às formas alternativas de pensar a formação. (SANCHO ET AL, 2006, APUD BITTENCOURT 2013, p. 98).

O novo cenário educacional aponta para novos papéis dos docentes. O professor que -dá aulasll deve ser substituído por aquele que dá diretrizes e os subsídios para a aprendizagem pelo aluno, e que esteja à disposição deste para auxiliá-lo ao longo do percurso (VIANNEY, 2003 apud BITTENCOURT 2013, p. 110).

Para efetivamente mediar o processo de comunicação, é vital que o professor desenvolva a capacidade para usar a tecnologia. Ao mesmo tempo, o professor deve deixar para trás o papel de transmissor de conhecimento, que na fica na frente da sala, no centro do processo, e adotar o de facilitador, que norteia e apoia o processo de aprendizagem. Isso vai permitir maximizar a interação e mudar para um sistema que dê autonomia ao estudante. Conseqüentemente, um sistema centrado no estudante, baseado no diálogo e na cooperação entre os estudantes. (COLLINS; BERGE, 1996, apud BITTENCOURT, 2013, Página 111).

Collins e Berge (1996) apontam como principais características na evolução do

papel da educação on-line questões tais quais: o professor passar de palestrante e visionário a consultor, orientador e provedor de recursos; o professor tornar-se um eficiente questionador, em vez de um provedor de respostas; o professor propor experiências de aprendizagem ao estudante, em vez de apenas fornecer conteúdos; o professor encaminhar, apenas, a estrutura inicial do trabalho ao estudante, encorajando-o a desenvolver a autonomia; o professor apresentar múltiplas perspectivas sobre cada tema, enfatizando os pontos mais relevantes; o professor evoluir de sua condição de solitário a membro de um grupo de aprendizagem; evoluir da total autonomia ao uso de atividades que podem ser amplamente avaliadas; evoluir do controle total do ambiente de ensino, ao compartilhamento com o aluno do aprender a aprender; pôr mais ênfase na sensibilidade aos estilos de aprendizagem dos estudantes; ter em conta que as estruturas formais professor-aluno podem se desgastar. (COLLINS; BERGE, 1996, apud BITTENCOURT, 2013, p. 112).

Para Collins e Berge (1996) apud Bittencourt(2013), as responsabilidades mais importantes do professor *on-line* passam a ser acompanhar as discussões, fornecer conhecimentos específicos e cultivar a harmonia do grupo.

É possível pôr o estudante no centro do processo, dar a ele a gestão da sua atividade de aprendizagem, enquanto o tutor tomar conta de seu meio físico, das suas disponibilidades temporais, do seu estilo de construir o conhecimento e do seu meio ambiente cultural. (BEDARD, 1998, apud BITTENCOURT, 2013, P. 124).

Para Duart e Sangrà (2000) apud Bittencourt (2013), com essa abordagem a aprendizagem de diversos conteúdos é facilitada, assim como também a capacitação do estudante como profissional, que sabe fazer e ser. Não se centra somente no saber e tampouco se aceita desenvolver somente conceitos para memorizar.

Os próprios estudantes são os verdadeiros protagonistas de seu processo de aprendizagem e os que regulam seu próprio ritmo de trabalho. Para Duart e Sangrà (2000, p.32), parte do êxito dos modelos educacionais está no interesse, na motivação e na constância do estudante. Desse modo, o conceito de estudante a distância é o daquela pessoa que tem critério próprio, que pode progredir em seus estudos de maneira independente e autônoma. Um estudante que tem curiosidade e sentido crítico, desejo constante de pôr em dúvida o que aprende e, portanto, pesquisa e sabe ir mais além do que estuda. (DUART e SANGRÀ, 2000,apud Bittencourt 2013, p. 125)

Para Rué (2009) apud Bittencourt (2013 p. 126), estar apto a exercer a própria autonomia no processo de aprendizagem não significa fazer o que se deseja. Constitui ter uma resposta aproximada daquilo que seria melhor praticar ou saber em cada momento. Está relacionado com dispor de referências de autorregulação. Para que o estudante desenvolva autonomia no seu aprendizado é necessário:

- Ter acesso a orientações do tipo tutorial durante o processo da construção do saber;
- Dispor de recursos para a regulação e a autorregulação dos aprendizados;
- Contar com um sistema de coleta de evidências e informação sobre a pró-

pria aprendizagem, por exemplo, o portfólio;

- Ser informado sobre os objetivos, procedimentos, normas e critérios, horários, lugares etc.;
- Contar com recursos estratégicos para o aprendizado;
- Instruir-se por meio de situações problemas, projetos, estudos de casos etc.;
- Associar teoria e prática;
- Trabalhar em parceria com os outros.

Também compartilha dessa ideia é Piconez (2005) apud Bittencourt (2013, p. 126), que defende que os ambientes interativos de aprendizagem transformam o modo de pensar e de compartilhar informações. Com isso, desenvolvem maiores alternativas de cooperação e de colaboração. Segundo ele, os ambientes virtuais estimulam os educandos a exercer sua - autonomia, quando levados a interrogar-se sobre a seleção de conteúdos e/ou informações pesquisadas e também sobre as melhores estratégias para se comunicar com o outro, privilegiando e aprimorando a própria comunicação, essencial na construção de conhecimento. Isso porque conforme Knowles (1980, p. 13) apud Bittencourt (2013, p 123) afirma: -A experiência de aprendizado de um adulto deve ser um processo de busca autogerida, com os recursos do professor, dos alunos e os recursos materiais colocados à disposição dos alunos, e não impostos a eles.

Não se pode também esquecer que um adulto autônomo, com aspirações para tornar-se educado, tem capacidade para decidir quais caminhos trilhar e também seu próprio processo de educação. O aprendizado autogerido deve considerar a motivação intrínseca do adulto para intervir ativamente na definição das linhas-mestras de seu próprio progresso educacional. Além disso, ser capaz de fazer escolhas decisivas sobre que tipo de educação ele deseja para si mesmo. Para tal é necessário o uso de uma pedagogia não diretiva, pela qual o adulto teria algum controle sobre o ritmo, os currículos, os conteúdos e a metodologia do aprendizado.

Numa metodologia centrada no estudante, em qualquer situação, ele é quem decidirá o seu estilo de aprendizagem. Ele mesmo é quem distinguirá o seu próprio ritmo de aprendizagem.

Para Kenski (2009) apud Bittencourt (2013, p. 127), com o enfoque da cooperação na aprendizagem, o estudante tem maior autonomia. Conseqüentemente, também maior grau de responsabilidade. Isso porque como ele tem tarefas a concretizar, apresenta mais facilmente as suas opiniões. Além disso, será convidado pelo professor e pelos colegas a se expor o que pensa.

A diferença entre o que os tutores brasileiros e o que os colegas em funções semelhantes em outros países fazem vai além da atividade. Culturas muito diferentes,

refletem, conseqüentemente, comportamentos também muito distintos. Um menino coreano, por exemplo, está alfabetizado aos seis anos e meio. Aos nove tem fluência em dois ou três idiomas e domina os fundamentos da matemática. Desde cedo os alunos são estimulados em cargas de estudo diárias mais intensas do que as duas horas e meia a três horas efetivas em sala de aula brasileiras. Desde bem novos são cobrados para fazer atividades de estudo e de autoaprendizagem. Isso faz a diferença toda em cinquenta ou cem anos em um País.

No Brasil já foi proibido reprovar, repreender alunos e até mesmo fazer provas. Professores na educação básica foram estimulados a seguir métodos já abolidos no mundo todo, como o sociointeracionismo, alfabetização global e outros similares, que são eficazes apenas em turmas muito pequenas e com professores altamente especializados. Assim, devagarzinho vamos condenando as futuras gerações a adquirir cada vez menos conhecimento que os jovens de outros países.

Uma matéria de um jornal de São Paulo revela que os professores da educação básica faltam, em média, 27 dias por ano. E não são demitidos por isso. Os alunos por sua vez, destroem salas de aula, picham paredes, agredem professores (professoras, na maior das vezes), e não são nem expulsos, e nem penalizados civilmente para reparar os danos, e nem criminalmente por agressões físicas.

Tudo isto se reflete na maior demanda por sobre os tutores no Brasil, tanto por parte dos alunos quanto por parte da maioria dos tutores, que se entendem mesmo como 'babás'. Quero consagrar a expressão -tutores-babásll, nome que dou para a atividade hoje realizada pela maior parte dos tutores do nosso país. Esse comportamento -paternalistall dificulta e atrasa a compreensão de que o EAD tem peculiaridades, muito diferentes do ensino presencial, que a proatividade para o processo de aprendizagem é vital.

3 | CONCLUSÃO

O fato de a Educação a Distância ter atingido a -idade adultall somente em 2014, dezoito anos desde a promulgação da Lei nº 9.394/1996, em 1996, que instituiu as diretrizes e bases da educação nacional, ser uma modalidade de ensino ainda muito recente, não deve ser entendido como um ponto negativo, mas sim como uma vantagem em favor da criatividade. Isso porque é preferível experimentar as novas possibilidades a simplesmente transferir as boas -receitasll da modalidade -tradicionalll para a tela do computador.

É consenso entre os pesquisadores que o EAD tem um longo caminho a percorrer. Merece de todos os adores envolvidos muita dedicação e pesquisa.

Vencida a fase de experimentação e da regulação intensa no Brasil, a EAD tem agora desafios importantes a enfrentar para melhorar a qualidade e oferecer cursos

didaticamente mais avançados. Embora haja um número significativo de cursos de massa, muito focados em conteúdo, há também hoje projetos muito inovadores, com metodologias mais ativas e mais participativas, em que os alunos podem assumir novos papéis na construção do conhecimento.

A proposta do EAD é bem mais profunda do que somente a mediação via tecnologia e de novas noções de tempo e espaço geográfico. Trata-se de uma verdadeira mudança de paradigma, em ênfase maior na pesquisa, na colaboração e na personalização. Implica mudança de papel de todos os envolvidos. Os professores devem deixar para trás a condição de instrucionista e paternalista e assumir o de mediador, facilitador, cognitivista, construcionista social e conectivista. O aluno, por sua vez, tem que abandonar a postura passiva, esculpida no ensino presencial, para uma mais para ativa, que tem consciência da sua responsabilidade pela sua aprendizagem.

A metodologia de ensino e aprendizagem do ensino a distância é uma área que ainda se encontra em desenvolvimento. Para atingir o público que busca acolher, deve ser ativa e superar os modelos já conhecidos e adotados no ensino presencial.

As mudanças provocadas pelas redes sociais e pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação têm pressionado muito a educação a distância. Por sua vez, também exerce pressão sobre a EAD a sociedade contemporânea. Isso porque exige maior qualificação profissional, atualização de conhecimento, além de educação continuada.

Na educação a distância, com todas as possibilidades que a sociedade digital oferece, o homem contemporâneo está diante de uma grande oportunidade de desenvolver novas metodologias e de inovar. Ambientes ricos de ensino e aprendizagem, que motivem, que mobilizem e que propiciem uma formação mais prática que teórica, com muita pesquisa, atividades supervisionadas, projetos, orientação dos alunos desde o começo devem ser cada vez mais explorados. Os mesmos e velhos caminhos, as mesmas formas de ensinar e aprender, devem ser definitivamente deixados para trás.

O educador continua sendo imprescindível. Contudo, não mais como um informador nem como repetidor de conhecimento pronto, mas sim como um mediador e organizador de processos. O seu papel consiste agora em ser um pesquisador – junto com os alunos. Ele deve também facilitar a articulação de aprendizagens ativas, o que torna a sua função ainda mais nobre e mais criativa do que no modelo tradicional.

Apesar do longo caminho ainda a ser trilhado, o cenário da educação a distância é promissor. Cada vez mais metodologias ativas, centradas no aluno e com ênfase maior na pesquisa, na colaboração e na personalização ganham espaço.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Muito além da economia verde**. São Paulo: 2012, ed. Abril.
- ALONSO, Kátia Morosov. **A expansão da EAD no Brasil: Reflexos sobre sua institucionalização**. In: **Educação a distância: meios, atores e processos**. Belo Horizonte: 2013, CAED-UFMG.
- BAUMAN, Zygmunt **Globalização: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 148p. Título original: *Globalization: The Human Consequences*, 1999.
- BITTENCOURT, Dênia Falcão de. **A Metodologia da Autoavaliação Institucional na Educação a Distância**. Palhoça: 2013, Editora Unisul.
- DECRETO Nº 5622, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm> Acesso em 15 de abr. de 2014.
- FERREIRA, M.M.S. e REZENDE. R.S.R. **O trabalho de tutoria assumido pelo Programa de Educação a Distância da Universidade de Uberaba: um relato de experiência**. 2004. Disponível em: <www.abed.org?seminários2003/testo19.htm>. Acesso em 05 de maio de 2014.
- FIDALGO, Fernando Selmar Rocha et al. (Orgs). **Educação a distância: meios, atores e processos**. Belo Horizonte: 2013, CAED-UFMG.
- GONZALEZ, M.. **Fundamentos da tutoria em educação a distância**. São Paulo: 2005, Avercamp.
- LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em: 44 de abril de 2014.
- MAGGIO, MO. **Tutor na Educação a Distância**. In: LITWIN, E. (Org.). **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: 2001, Artmed.
- MILL, D. **Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia**. 322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais: 2006. (FAE/UFMG).
- MILL, D.; FIDALGO, F. **Sobre tutoria virtual na Educação a Distância: caracterizando o teletrabalho docente**. In: *Virtual Educa 2007*, São José dos Campos: 2007.
- MORAN, J.M. A EAD no Brasil: cenário atual e caminhos viáveis de mudança. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/cenario.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2014.
- MORAN, J. M. A educação a distância, mais focada em pesquisa e colaboração. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/pesquisa_e_colaboracao.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem online**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/modelos.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
- SCHMID, A. M. **Tutorías: los rostros de la educación a distancia. Educación e Contemporaneidad**. Revista da FAEEBA. Salvador: 2004, v. 13, n.22, jul./dez., p. 275-285.
- SOUZA, C. A. et. al. **Tutoria na educação a distância**. 2004. Disponível em: <<http://abed.org.br/congresso2004/por/htm/088-TC-C2.htm>>. Acesso em: jun. 2014.
- VALE, Lílian do. **Ainda sobre espaço, tempo, presença e distância; questões para a EAD on-line. Educação a distância: meios, atores e processos**. CAED. UFMG: 2013.
- VILARINHO, L. R. G; CABANAS, M. I. C.). **Educação a Distância (EAD): o tutor na visão dos tutores**. Educação. Revista do Centro de Educação, 2008, v. 33, n. 3, set-dez.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 127, 175, 237, 324, 326, 327, 328, 329, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Ambientes virtuais 131, 133, 140, 167, 174

Analogias 113, 114, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 277

Átomos 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 126, 127

B

Brinquedo 158, 161, 162, 164, 294

C

Capitalismo 12, 67, 95, 99, 101

Cartografia 54, 56, 57, 62, 65, 67

Criança 1, 2, 3, 4, 6, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 68, 69, 70, 72, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 111, 112, 133, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 184, 200, 203, 204, 205, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 299, 305, 306, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337

D

Desenvolvimento profissional 129, 301

E

Educação a distância 15, 113, 134, 141, 142, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 273, 274, 285

Educação de qualidade 9, 26, 28, 49

Educação inclusiva adaptação curricular 21

Educação infantil 4, 14, 46, 69, 70, 71, 73, 74, 78, 158, 159, 160, 165, 166

Educação profissional 143, 144, 145, 146, 147, 148, 155, 156, 157, 237, 314, 322, 323

Ensino de química 113, 117, 118, 127, 128, 263, 267, 268, 269, 270, 272

Escrita 12, 13, 16, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 110, 120, 135, 151, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 332, 333, 334, 335, 336, 337

Estágios morais 95, 101, 102, 103

Estratégia 3, 4, 7, 8, 53, 117, 167, 214, 236, 320

Exclusão 45, 99, 101, 104, 105, 110, 184, 189, 198, 221, 229, 326, 327

F

Formação de professores 32, 43, 48, 143, 144, 146, 147, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 185, 252, 284, 285, 301, 305, 306, 311

Formação em serviço 9, 11, 16, 17

G

Gênero 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 191, 217

Gestão democrática 75, 76, 77, 84, 85, 89, 94

I

Inclusão 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 49, 80, 99, 105, 106, 121, 155, 184, 196, 203, 210, 221, 230, 237, 241, 267, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 309

Infância 8, 12, 22, 37, 63, 67, 68, 95, 96, 97, 98, 100, 104, 159, 166, 240, 289

L

Leitura 11, 12, 25, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 76, 83, 89, 107, 110, 121, 122, 137, 146, 211, 212, 217, 223, 257, 278, 324, 329, 330, 333, 334, 335, 336

Letramento 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 324, 326, 327, 329, 331

Linearidade 75, 85, 88

M

Mídias sociais 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Modelo quântico 113, 119, 122

P

Paulo Freire 36, 69, 70, 71, 109, 276

Pesquisas em educação e artes 54

Planejamento escolar 28, 75

Políticas de formação continuada 9

Políticas públicas 1, 11, 12, 15, 16, 32, 105, 169, 184, 185, 189, 191, 195, 198, 226, 230, 240, 250, 251, 252, 264, 270, 271, 315, 318, 319

Práticas de uso 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Práticas docentes 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 150, 283

Professora – tia 69

R

Regimento escolar 75, 77

S

Saúde na escola 1, 3, 4, 6, 7

T

Tecnológica 78, 93, 127, 143, 144, 145, 146, 147, 156, 157, 254, 262, 265, 266, 269, 276, 314, 315, 317, 323

Transtorno do espectro autista 20, 21, 22, 23, 33, 286, 287, 288

 **Atena**
Editora

2 0 2 0